



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

A cena majestosa

Lídia Jorge

Para citar este documento / To cite this document:

Lídia Jorge, "A cena majestosa", *Colóquio/Letras*, n.º 187, Set. 2014, p. 89-90.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

LÍDIA JORGE

A cena majestosa

ÀS VEZES PENSO na Agustina Bessa-Luís dos cinquenta títulos, das quinhentas personagens, das incontáveis páginas que perfazem a sua obra e concluo que se trata de uma escritora que existe para além da Literatura, uma manejadora de dados que provêm da ciência que ronda nos abismos. Outras vezes penso que se trata de uma artista que aprendeu a vida através de uma ciência oculta não catalogada, e que a palavra escritora não a define com exactidão, e vejo-a como pioneira de uma ciência exacta. Outras vezes junto a tudo isso a ideia de que Agustina Bessa-Luís é a escritora do alto riso das mulheres, quando elas se vingam por suprema competência. A competência no amor, na fazenda, nas artes e nos negócios. O grito de Fanny Owen, estendida no seu leito, «Não há aí um homem que me ame?» é o grito da maior acusação feminina da Literatura portuguesa. Um grito não só contra os homens maus amantes, mas contra todo o género de incompetência que sufoca as mulheres, nas páginas de Agustina. Tudo isso eu penso, às vezes.

Outras vezes, penso apenas no que se passou, há anos, no hall de um hotel de Berlim. Penso numa certa coincidência. Era perto do Natal, tínhamos recolhido tarde, viajávamos para Hamburgo na manhã seguinte, e na montra da loja do hotel já encerrada, a autora de *Sibila* deparava com uma capa de lã angorá azul escura, tal e qual como sempre tinha sonhado. Demos voltas junto à recepção, e por fim, já fora de horas, alguém regressou à loja para vender a capa a Agustina. Então ela sentou-se numa cadeira alta, fez pose de rainha e começou a falar pela centésima vez da sua correspondência com Orson Welles. Mas naquela noite a versão era diferente.

Agustina estava sentada na cadeira alta, eu sentada no banco baixo, o Natal tinha posto candelabros nas janelas a bruxulear lá fora, e a versão do entendimento entre ambos passou a ser contada com detalhes nunca ouvidos. Ah! Como se tinham entendido, carta ia, carta vinha. E que horror a mulher italiana que ele tinha, e que pena ela, Agustina, não ter sido só um pouco mais arrojada, e não ter aparecido no meio de Hollywood

para separar aqueles dois. Só que ela, escrupulosa, não tinha querido separar um casal, mesmo imperfeito e desavindo. E quando ele havia falecido, ela, que tinha uma viagem marcada para os Estados Unidos da América, havia desistido da viagem em sinal de luto. Sim, ainda estava de luto por Orson Welles, e luto por todos os homens vivos e mortos que nos amam e desaparecem da face da terra só para nos confirmarem que o amor é uma desavença sem limites. Que o próprio desaparecimento também faz parte dessa desavença. A morte como uma vingança, não uma capitulação. Dizia a Agustina nessa noite, sentada de rainha, eu no banco baixo, ouvindo. E naquele momento, os cabelos de Agustina, amarrados num puxinho, de súbito ficaram espalhados pelos ombros de Agustina, os seus ombros ficaram angulosos, nus, sobre eles cruzavam alças finas que sustentavam um longo vestido de tule, talvez branco, Orson Welles com os olhos desorbitados, rodopiava-a através de uma grande sala, e Agustina, da altura de Orson Welles, retirava-lhe o charuto da boca, esmagava-o sob o pé, dizendo — «Comigo não manterás tu vícios destes, não...» Era a portuguesa a pôr na ordem o realizador americano, a colocá-lo no lugar certo da vida, projecto para o qual as outras mulheres nunca tinham tido forças. Infelizes. Dizia Agustina como nunca antes tinha dito.

Claro que a autora de *Sibila* continuava sentada na cadeira alta, mas não regressava ao seu corpo, nem ao espaço que ocupávamos, ela voava através das águas frias do Atlântico Norte, ultrapassava o tempo e a distância, e toda ela era grande e majestosa à imagem da sua alma. Agustina disse ainda que Welles era um grande safado, como costumam ser todos os grandes artistas. Ele enviava mensagens criptadas às amantes, nos filmes que fazia. Como todos os grandes artistas. Mensagens secretas, mensagens íntimas. Acaso sabia aquela que se encontrava na sua frente, sentada no banquinho baixo, o que significava *Rosebud*, a palavra que surgia pintada na madeira em chamas a fechar *Citizen Kane*? Não sabia? Não sabia que Orson tinha tido uma amante chamada Marion Davies? Ah! Então não me iria contar o que significava *Rosebud*. Sim, Orson Welles tinha-lhe escrito, tinha contado o que significava. Dizia Agustina, sonhadora, partilhando uma grandeza majestosa, ficcionando como só os narradores maiores o fazem, a partir do seu corpo, como se a sua obra fosse apenas o último rascunho da sua própria vida. E o resto é fancaria. Por isso, muitos são os que se oferecem, poucos são os escolhidos. Disse Agustina. Ensinou-me Agustina pela noite dentro, naquele hotel em Berlim.

[A Autora segue a antiga ortografia.]